

## A ENTREVISTA COMO UM ENTRE-LUGAR DA CRÍTICA LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA

Lúcia Melo (UFF)

**Resumo:** O trabalho solicita o pensamento e os conceitos críticos do professor e escritor e ensaísta Silviano Santiago para levantar a discussão sobre a importância do papel dos novos e novíssimos meios de comunicação de massa, como a TV e a internet, na tentativa de construção de um espaço público de debate de ideias. A entrevista constitui um entre-lugar, uma possível ponte que liga a fala pessoal, privada, do crítico e do criador ao espaço público, descentralizando, assim, a figura do intelectual.

**Palavras-chave:** Silviano Santiago; crítica literária contemporânea; entrevista

Meu pequeno ensaio tem como objetivo, para citar Sartre, “levantar hipóteses e trabalhar hipóteses” sobre como pensar e fazer crítica literária no Brasil de hoje. Para levantá-las e discuti-las solicito o pensamento e reflexões e textos, entre estes, as entrevistas do “antenado” professor e ensaísta e crítico e ficcionista e poeta Silviano Santiago. Ao solicitá-los, pretendo atualizar os procedimentos críticos e as problematizações trazidas por Silviano na sua ação e atuação críticas ao longo de sua vida de escrita e de sua escrita de vida.

Sabe-se que a base teórica e crítica com a qual Silviano Santiago sustenta a sua reflexão acerca da cultura e literatura brasileiras, adveio de sua formação inter-artística e interdisciplinar. Desde da infância em que lia, obsessivamente, gibis e ia, cotidianamente, ao cinema, passando pela juventude em BH, também marcada pelo cinema, até o seu encontro com as letras e a academia, seu decurso de vida, percurso e discurso profissionais se desenharam a partir da construção de um entre-lugar entre a palavra e a imagem. Aliás, foi esta que o levou àquela. Em diálogo com o gibi, o cinema, as artes plásticas, o teatro, a música popular brasileira e a literatura, Silviano engendrou um lugar entre em que constituiu a sua identidade crítica e criativa a partir do traço da diferença porque de alteridade. Daí para conjugar a sua estratégia de leitura e interpretação da cultura, bem como da literatura brasileira e latino-americana, ao conceito de *Desconstrução*, do filósofo Jacques Derrida é questão de tempo. O deslocamento, que faz parte do percurso da formação intelectual do autor de *Em Liberdade*, se acentuou na medida em que ele também foi forjado pelos inúmeros deslocamentos geográficos: Formiga, BH, Rio de Janeiro, Paris, Novo México, Nova Iorque. Pelos deslocamentos lingüísticos: língua portuguesa, francesa, inglesa,

espanhola. Deslocamentos que vão dar a medida de um pensamento e de uma atividade crítica e criativa que buscam e tentam construir pontes, logo, diálogos para e com o Outro. O lugar constitutivo da identidade diversa e plural se dá nesse entre-lugar em que o sujeito se descentra para figurar como um jogador polivalente: poli (muitos) e valente, capaz de jogar nas onze posições, de modo que o criador/escritor esteja de mãos dadas com o crítico.

Assim, não é de causar espécie que um crítico e intelectual com esse perfil viesse a lançar mão de um dos gêneros discursivos em voga no Brasil nos anos 70: a entrevista. Informa-nos Leonor Arfuch (ARFUCH, 2010, p.151-2) no seu livro *O Espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* que o surgimento do gênero na imprensa francesa foi no século XIX, ano de 1884. Nos Estados Unidos foi em 1859, notadamente, a dedicada a políticos, e na Argentina em 1930. No Brasil, nos idos dos anos 70, publicações como a Revista Veja, com as famosas Páginas Amarelas, a Revista *Rolling Stones* ou, ainda, a Revista Bondinho, por exemplo e para citar algumas, veiculavam explosivas e importantes entrevistas com personalidades de diversas áreas da cultura, da política, do conhecimento, bem como com astros da música popular advindos do movimento cultural *Tropicalismo*, como Caetano Veloso, popularizaram o gênero. Além disso, o advento e a emergência da televisão nos anos 50, mediante a modernização e inovações tecnológicas, permitiram maior divulgação da opinião e da imagem dos astros do momento em escala massiva.

É nesse momento, então, que o crítico vai lançar mão da entrevista como objeto de investigação e de estudo para tentar entender a virada que aconteceu de uma cultura letrada e de uma crítica literária--que teve como maior e último representante o Modernismo--para uma cultura notadamente oral e *Pop*, isto é, de crítica cultural com maior ênfase na linguagem falada e na imagem do que na linguagem fonética. Aliás, como já tinha acontecido na década de 60 com o cinema. No ensaio “Caetano enquanto superastro”, escrito em 1972 e publicado em 1978 no livro *Uma Literatura nos Trópicos*,-- coletânea onde figura também o incontornável ensaio “No entre-lugar do discurso latino-americano”--Silviano Santiago mapeia o contexto cultural para levantar, talvez, a pergunta e a discussão: quem pensa o país e por quê? Ou seja: quem tem o poder da palavra para pensar e se pensar num país que vivia ainda num cerceamento de liberdade de pensamento e de expressão? Numa palavra: quem eram os novos pensadores e intelectuais? Talvez artistas como Caetano Veloso, astro da música popular, que souberam usar, estrategicamente, para atuar e se atualizar no contexto

político e econômico do mundo dentro de uma ditadura--através de entrevistas que falavam abertamente de assuntos tabus, como a censura e as drogas, de cultura *pop* e de comportamento--os novos meios de comunicação de massa, como o jornal, a revista e, sobretudo, a televisão.

E por quê? Porque nos anos 70, aliás como, ainda, hoje em 2017, vai nos informar o ensaísta no texto “Vale quanto pesa-a ficção brasileira modernista”, publicado em 1982, que o objeto livro de ficção, assim como o livro de uma forma geral, é artigo de luxo, ficando a crítica circunscrita, senão à universidade, a, ainda, mãos *especializadas*. Num país que contava com 110 milhões de habitantes, as tiragens eram de 3 mil cópias em média, e os leitores de romance se calculava, de modo otimista, em 50 a 60 mil. Esta estimativa foi feita por Roberto Schwarz em 1970 e ratificada em 1977 por Carlos Guilherme Mota. Hoje, em 2017, 40 anos depois do ensaio sobre Caetano, pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, ficamos a saber que 44 da população não lê, 30% nunca compraram um livro, a média de livros lidos por ano ficou em 4,96/pessoa, e a leitura ficou em 24º lugar na preferência de lazer para os entrevistados.

Percebe-se, então, que, quanto aos números da alfabetização efetiva e da leitura, pouco mudou no Brasil dos anos 70 até 2017. Apesar de 12 anos de governo de um partido de esquerda no poder, os números do analfabetismo funcional só aumentaram. Até que se lê um pouco mais, mas o livro mais citado na pesquisa foi a Bíblia e os livros de auto-ajuda. Houve um aumento do acesso do brasileiro à escola e à universidade e ao consumo, repito, tímido de leitura, todavia, isso não se traduziu numa qualidade de leitura cidadã e crítica. A taxa de analfabetismo funcional é de 27% hoje, e a tiragem de livros de ficção continua no vergonhoso número de 3.000 por edição. Continuamos, assim, vivendo num país de dilemas e, como Silviano vai dizer em entrevista à professora e crítica Heloísa Buarque de Holanda, publicada no livro *Vale quanto pesa*, de um processo de democratização complexo. Se nos idos dos anos 70 foi a censura a impedir o acesso do público aos bens culturais, como o livro, hoje vemos que a ditadura e censura permanecem, só que agora impingidas pelo mercado. Sem contar, é claro, a contínua desigualdade social e econômica existente no país.

É aqui que entra o papel e a importância da mídia, especializada ou não, dos novos e novíssimos meios de comunicação de massa que emergiram com o aperfeiçoamento da tecnologia, para a construção de uma ponte em que se possa ensaiar um debate com a geral. Eis um dos dilemas da academia, da crítica especializada: como elevar e levar o debate de ideias da cultura letrada e literária para um maior número de

peessoas num país de poucos leitores da escrita fonética? Para o autor de *Mil rosas roubadas* esse papel precisaria ser representado pelos meios de comunicação. Notadamente, por aquele de maior apelo visual e magia que é a televisão. Sobretudo, levando-se em consideração a cultura brasileira ser notadamente oral. Mais: precisará haver, pelos estudiosos da cultura, uma urgente revisão do conceito de leitura. O que significa ler hoje? No entanto, para que isso venha a acontecer, é preciso se *acertar os relógios*. Nem o jornalista e o crítico--não especializados--precisam ser superficiais e restritos a resenhas de um único livro apenas, e *meter o pau* nos textos difíceis e *chatos* da crítica universitária, nem a crítica universitária pode ter a pretensão de escrever para leitores de jornal como se falasse para os pares. Nem preconceito nem elitismo: Silviano Santiago perfaz o seu percurso crítico no descentralizado entre-lugar, este que coincide com o gênero discursivo que circula nos meios de comunicação de massa tradicionais e nos novíssimos, como a internet com suas redes sociais, sites, blogs, vlogs e outros: a entrevista.

Santiago diz sempre ter gostado de dar depoimentos e entrevistas ao longo de sua vida profissional. Constatamos isso ao longo de nossa pequena pesquisa: dos anos 70 até 2017 foram inúmeras entrevistas dadas a pesquisadores universitários, a jornais, a revistas e a Televisões educativas, Tvs fechadas e, até, abertas, como a que concedeu a Tv Bandeirantes em abril deste ano, no Programa Canal Livre, por ocasião da publicação do romance-ensaio *Machado*. Vi, ouvi e li e reli inúmeras, mas me concentrei no livro *Encontros-Silviano Santiago*, organizado por Frederico Coelho e publicado pela Beco do Azougue, em 2011. Importante compilação que vem dar a medida da importância e do papel da entrevista, sobretudo hoje em que vivemos sob o primado de novos processos de subjetivação advindos pelos novíssimos meios de produção e divulgação de *narrativas do eu*. Ou seja: como um imprescindível arquivo e documento para se conhecer e pesquisar as opiniões e conhecimento dado por uma personalidade a dado momento histórico. A entrevista tem dum duplo valor: o sincrônico e fugaz, transitório da fala e com *gosto de sangue*, e valor diacrônico e permanente, que pode vir a constituir melhor acervo sobre dado momento histórico do qualquer livro de história cultural. Santiago exemplifica a informação com as célebres entrevistas, publicadas em formato de livro, dadas à revista francesa *Paris Match* por inúmeras personalidades de diferentes áreas culturais e do conhecimento.

No Brasil, no entanto, até por conta de nossa tradição cultural oral, não há o mesmo interesse em se publicar, em formato livro, entrevistas concedidas por

personalidades e intelectuais. O que é uma pena, pois como se disse, é um meio e formato poderoso de divulgação de ideias, opiniões e conhecimento produzidos por especialistas da ciência e da cultura. Trazendo a questão para o Brasil, e levando em consideração os números da educação e da leitura por aqui, o crítico vai defender a ideia de ser “a entrevista uma espécie de **salto** por cima do livro, para **conversar** diretamente. Você salta por cima do livro, para conversar diretamente com o espectador, ou com o leitor sobre a sua obra em uma linguagem bem mais acessível que a linguagem do livro.” (COELHO, 2011, p.198. Grifos meus). A entrevista funcionaria em primeiro lugar: como processo de divulgação do saber, de conhecimento de um indivíduo sobre determinado objeto específico: quadro, livro, escultura, momento político ou ainda econômico. Em segundo lugar: como um processo de afetar e ser afetado. A entrevista, gênero parente da conversa, esta pertencente aos gêneros simples, isto é, orais, segundo Bakhtin, se conformaria num entre-lugar por possibilitar espaço a uma voz pessoal, privada, numa relação intersubjetiva e dialógica com o entrevistador--que representa não só ele, mas todo e qualquer ouvinte, leitor e telespectador da conversa/entrevista. Relação que, se no momento da interlocução é a dois, no momento da divulgação da entrevista passa a ser para muitos e pública. Como vai defender Norberto Elias (apud ARFUCH, 2010), há uma interrelação, interação dialógica entre o privado e o público, na medida em que há uma interdependência entre esses dois espaços, porque um só pode se realizar e tomar sentido no outro. Nesse sentido, os estudos sobre os gêneros do discurso de Bakhtin vem dialogar com as ideias de Elias sobre o público e privado, e com o conceito de entre-lugar de Silviano Santiago, na medida em que o ensaísta mineiro afirma que tudo o que fez e escreveu, seja na crítica e na criação, configura-se como autobiográfico. Então, não o deixou de ser também nas entrevistas e depoimentos.

Assim, para ele, quando um crítico/criador fala de teorias e conceitos na obra de um determinado escritor e intelectual, não pode falar de teorias e conceitos puros, porque aquele que fala e escreve e pensa e cria conceitos está, necessariamente, implicado neles. Há sempre, diz ele, uma *sujeira* teórica. Por isso, seja a entrevista como objeto de estudo ou ser transformado em objeto de entrevista, quem fala e pensa e se põe em risco é o homem e o cidadão e o crítico e o criador. Então, ao dar entrevistas falando e discutindo temas em livros como *Machado* ou, ainda, *Genealogia da Ferocidade*, por exemplo e só para citar os dois mais recentes livros publicados de Silviano Santiago, quem fala e pensa é o intelectual polivalente: o criador, mas também, e sobretudo, o crítico: “O que ataca se defendendo e se defende atacando”. O criador

que sabe das relações intrínsecas à fatura literária, mas que sabe expandi-las ao contexto maior da cultura, a fim de, ao atualizar as ideias e o mundo de Machado de Assis como o de Rosa, relendo-os com os olhos postos e fixos no presente-- para lembrar Benjamin--continua a pensar e a refletir sobre nossos dilemas e problemas culturais, sociais e econômicos para trazê-los para o espaço de debate público de ideias. Descentraliza-se e se desierarquiza a voz de autoridade e poder do intelectual acadêmico e a traz para a geral como a voz de um intelectual público, aquele que, com o seu notório saber e influência, conquistou um espaço nas instituições públicas, como a mídia, e consegue divulgar e disseminar a sua voz pessoal para uma multidão. Diferente, portanto, do que aconteceria se ele ficasse restrito ao espaço do livro.

Penso que a entrevista está para Silviano Santiago como as cartas estavam para Mário de Andrade: uma espécie de conversa de que, mais do que falar e tentar conhecer o outro, falava-se e se conhecia a si mesmo. Conversa que mais do que revelar a subjetividade de uma pessoa, revela a inevitável alteridade com a qual se constrói na busca do convívio com a diferença. Silviano aprendeu com Mário que a graça está em “saber saber”. E na busca do encontro inesperado com o diverso, isto é, com o Outro--a começar com o Outro de si mesmo--, há a busca também do “afetar e do ser afetado”.

O valor dos bons afectos, vai dizer Deleuze (DELEUZE, 2010)--estes que se configuram como potência capaz de fazer um corpo, no encontro e na interação com outro corpo--, está em transformar e ser, sobretudo, transformado. Silviano Santiago, em suas várias entrevistas e depoimentos e encontros, ou seja, na conversa próxima com o seu interlocutor, usando uma linguagem de menor intensidade e do poder da voz, dos gestos e de todo o corpo, coloca em ação o que denomina de a “ética do carrapato”. Com o exemplo, talvez, a voz pública do crítico torne mais compreensível para a “geral” o conceito de *afecto* deleuziano:

O carrapato é afetado pela luz, então ele sobe até o cimo da árvore. Em seguida, lá do cimo da árvore, ele é afetado pelo cheiro do mamífero que passa, e ao ser afetado, ele despenca lá de cima e cai como carrapato no mamífero. A partir daí ele é afetado pelo sangue. É luz, imagem, televisão...O odor, o corpo, o sangue, a vida...A entrevista também possibilita essas três formas de afetar e ser afetado. (COELHO, 2011, p.198-9)

É, pois, nessa forma dialógica, como Silviano Santiago vai dizer em entrevista, que se configura como um dos fundamentos da chamada pós-modernidade, ensaiada

uma espécie de ponte que se estende ao Outro. Nesse entre-lugar crítico e criativo, conformado por Silviano, podemos vislumbrar uma das formas de generosidade e fraternidade que intentava Mário de Andrade ao dedicar seu tempo a escrever cartas aos seus interlocutores: uma utopia possível. Um dos lugares para se tentar fazer uma crítica literária possível se se pretende construir um espaço de debate minimamente democrático no Brasil contemporâneo.

### **Referências bibliográficas**

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução Paloma Vidal. EdUERJ, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

CHAUÍ, Marilena. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.

COELHO, Frederico (Org.). *Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

DELEUZE, Giles. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

DI LEONE, Luciana. *Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GUATARI, Félix/DELEUZE, Giles. *O que é filosofia?*. Tradução: Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

JOST, Miguel e COHEN, Sérgio (Org.). *O bondinho*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ora (direis) puxar conversa!* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.